

A MEMÓRIA E O EXÍLIO EM *CINZAS DO NORTE* DE MILTON HATOUM

Memory and exile in “Cinzas do Norte” by Milton Hatoum

Priscila Viviane Carvalho
Saulo Cunha de Serpa Brandão
UFPI

Resumo: As correspondências entre literatura e exílio são intensas e dizem respeito à própria constituição de uma nova identidade. Nesse sentido, a busca por uma imagem real de si e a nova identidade constituída são termos antagônicos e, quando relacionados, causam comumente imagens conflitantes e problemáticas. A leitura analítica da obra *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, permite outras formas de compreender, no campo literário, as nuances decorrentes da aproximação desse tema, especialmente a partir do não-lugar instaurado pela memória e exílio simbólico comum à obra. É do exílio, afinal, que tal conflito é evidenciado e ocultado pela singularidade das lembranças e esquecimentos de cada protagonista, isto é, por sua identidade narrativa. A memória é percebida como um elemento interpretativo exterior à obra, mas que nela se infiltra a partir dos significados que assumem para as personagens: espaços e pessoas filtrados pelo enredo. Assim, a performance narrativa se sobressai aos conceitos de esfera literária, representam indícios simbólicos que podem ir além da percepção das amarras socioculturais que se insinuam sobre a narrativa de cada personagem.

Palavras-chave: Literatura. Exílio. Hatoum. *Cinzas do Norte*.

Abstract: *The correspondences between literature and exile are intense and concern the very existence of a new identity. In this sense, the search for a real image of themselves and formed the new identity are antagonistic terms and, when related, commonly cause conflicting and problematic images. The analytical reading of the *Ashes of the Amazon* work, Milton Hatoum, allows other ways of understanding, in the literary field, the nuances resulting from the approach of this issue, especially from the non-place established by common memory and symbolic exile to work. It is in exile, after all, that such a conflict is evident and concealed by the uniqueness of the memories and forgetfulness of each protagonist, that is, by his narrative identity. Memory is perceived as an outdoor interpretative element to the work, but it seeps from the meanings they take to the characters: spaces and people filtered by the plot. Thus, the narrative performance stands to literary sphere of concepts represent symbolic*

evidence that may go beyond the perception of socio-cultural ties that creep on the narrative of each character.

Keywords: *Literature. Memory. Exile. Hatoum. Amazon ashes.*

Introdução

Milton Hatoum nasceu em 1952, em Manaus, estado do Amazonas, onde viveu a infância e uma parte da juventude. Em 1967 mudou-se para Brasília, onde estudou no Colégio de Aplicação da UnB. Morou durante a década de 1970 em São Paulo, onde se diplomou em arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, trabalhou como jornalista cultural e foi professor universitário de História da Arquitetura.

Em 1980 viajou como bolsista para a Espanha, onde morou em Madri e Barcelona. Depois passou três anos em Paris, onde estudou literatura comparada na Sorbonne. Hatoum escreveu quatro romances premiados, e sua obra foi traduzida em dez línguas e publicada em catorze países.

Foi professor de literatura francesa da Universidade Federal do Amazonas (1984-1999) e professor visitante da Universidade da Califórnia (1996). Foi também escritor residente na Yale University, Stanford University (EUA). Bolsista da Fundação VITAE, da Maison des Ecrivains Etrangers (Saint Nazaire, França) e do International Writing Program (Iowa/EUA).

Em 1989 seu primeiro romance *Relato de um certo Oriente*, ganhou o prêmio Jabuti de melhor romance. Em 2000 publicou o romance *Dois irmãos* no qual foi ganhador de outro prêmio Jabuti – terceiro lugar na categoria romance/ indicado para o prêmio IMPAC-DUBLIN), eleito o melhor romance brasileiro no período 1990-2005 em pesquisa feita pelos jornais *Correio Braziliense* e *O Estado de Minas*.

Em 2001 foi um dos finalistas do Prêmio Multicultural do Estadão, por conta da publicação de *Dois Irmãos*. Em 2005, seu terceiro romance e obra escolhida para a nossa crítica analítica, *Cinzas do Norte*, obteve cinco prêmios: Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA-2005, Prêmio Jabuti/2006 de Melhor romance, Prêmio Livro do Ano da CBL, Prêmio BRAVO! de literatura).

Em *Cinzas do Norte*, terceiro romance de Milton Hatoum, explora a revolta do protagonista esférico Raimundo, uma família conflituosa no meio e cuja vocação artística que colide com os planos do pai, a tentativa de compreensão recai sobre o amigo Olavo, órfão que sobe na vida, o império de Trajano Mattoso, pai de Mundo, comerciante rico, amigo de militares.

Outros fios completam o tecido ficcional de Cinzas do Norte: uma carta que o tio Ranulfo envia a Mundo, uma outra que este deixa como legado para o amigo de infância. São versões e revelações que se cruzam ou desencontram, sem jamais chegar a esgotar o enigma de uma vida singular ou a diminuir a dor da derrota final, às mãos da doença, da solidão e da violência.

Elegemos discorrer sobre as representações do exílio em Cinzas do Norte, considerando seu caráter ficcional, sob nossa perspectiva de narrativa, a condição do exilado como uma reflexão comum presente tanto na obra quanto no resultado desse processo analítico.

Por ser uma temática amplamente abordada na literatura, escolhemos o exílio, por partirmos de um tema expressado nas vozes dos personagens de Cinzas do Norte, promovendo esta pesquisa, buscamos traçar algumas observações sobre o exílio experienciado pelas personagens, bem como abordar alguns aspectos subjacentes ao romance em questão, e da narrativa de exílio.

Para o corpus teórico da compreensão, fundamentação, e análise nos baseamos em Homi K. Bhabha com *O local da cultura* (2003), a perspectiva de Said sobre literatura de exílio em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), e Kristeva conceituando a orfandade simbólica do exílio com *Estrangeiros para nós mesmos* (1994).

Pretende-se, portanto, a partir desses intercruzamentos teóricos e literários, tomar o exílio como objeto de análise literária a partir da compreensão da narrativa e de sua relação em relação aos discursos nacionalistas, quando esses demonstram a formação de uma nova questão identitária e os artifícios do exílio como fenômeno interior.

1 A narrativa de exílio

A simbologia do exílio, nas referências literárias, infiltra-se no desenvolvimento do enredo e na identidade narrativa dos personagens. Enquanto, a própria narrativa é reposicionada e atua como catalisadora de lembranças e esquecimento. Como afirma Said sobre o personagem exilado (2003, p. 47) “[...] refugiado, pessoa deslocada, da imigração em massa”.

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada (SAID, 2003, p. 46).

Por isso a experiência do exílio e as ambivalências inerentes à quebra dos laços com a terra natal se tornaram temas recorrentes na atualidade, como já o foram em outras épocas. Há

diversas narrativas literárias que remontam a imagem do exilado na figura de heróis clássicos como: Ulisses, Édipo, Jesus são alguns exemplos de heróis que compartilham de experiência comum quanto ao exílio.

Mas a condição de exilado só é possível através de um esforço de esquecimento. Como observa Bhabha (2000, p.226): “ser obrigado a esquecer – na construção do presente nacional não é uma questão de memória histórica; é a construção de um discurso sobre a sociedade que desempenha a totalização da vontade nacional.”

Porém é necessário reconhecer a relação desarmônica entre o herói e o espaço. A expressão mais nítida na figura recorrente do exilado é a caracterização conflitante em relação ao ideal nostálgico do lugar de origem. A experiência do deslocamento, e o vigor do exílio como marca cultural recorrente pode ser explicado também através de seus próprios produtores, como Said explicita:

Na escala do século XX, o exílio não é compreensível nem do ponto de vista estético, nem do ponto de vista humanista: na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que infringe aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como “bom para nós” (SAID, 2003, p. 47)

Nesse sentido, a perspectiva de Said é a da não-reclusão do tema e definindo enfim a concepção de narrativa que utilizamos nesse artigo ou como também chamamos de literatura de exílio. Para Said, vários poetas e escritores conferiram dignidade à condição do exilado, mas não podemos esquecer o caráter essencialmente subjetivo do tema.

Assim é necessário distinguir, mas sem distanciar, o nomadismo inerente à dinâmica social de um exílio frio e circunstancial de indivíduos e grupos sociais que vivenciam a experiência de se separar de sua terra natal. Faz-se necessário esclarecer que a questão teórica está na distinção observada na diferenciação entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio, segundo Said (2003, p.54):

[...] tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra refugiado tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desorientada que precisa de ajuda internacional urgente [...]. Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais [...].

Assumindo essas características, podemos reconhecer, no tema do exílio algumas considerações como um estado de ser descontínuo, e problemático com referência identitária relacionada à terra natal cuja estranheza é variável, porém permanente.

Por fim, diante desse quadro conceitual sobre a concepção de narrativa de exílio, nos basearemos nas reflexões de Said (2003) no que tange à construção da identidade do exilado. Para confirmar que em *Cinzas do Norte* (2005) o exílio é na verdade, um processo criado para negar a identidade dos personagens.

2 a memória e o tecido textual da obra

A casa familiar, recorrente na obra de Milton Hatoum. É lá o ponto de complexidade das questões propriamente humanas engendradas no lugar natal, de onde irradiam as relações com o outro. As casas das famílias, nos romances de Hatoum são conhecidas no âmbito narrativo como o elemento que transmite a memória do narrador.

É possível interpretar as representações das relações familiares em *Cinzas do Norte*, conhecendo o enredo e suas possíveis conexões. A história é contada pelo narrador Lavo, e de textos com fragmentos do passado, que são os escritos do seu tio Ranulfo, e uma longa carta endereçada a Mundo, a respeito dos acontecimentos de sua vida, tendo como centro a história a mãe do protagonista, Alícia, e esposa de Trajano Mattoso.

O relato das lembranças da infância e juventude, o narrador órfão narra a história que ouviu ou presenciou na casa onde foi criado pelos tios Ranulfo, um ex-radialista boêmio e amante de literatura, e Ramira, uma costureira ressentida e dedicada ao trabalho, além do convívio com a família do amigo Mundo, os Mattoso, no palacete em Manaus ou na Vila Amazônia, perto de Parintins.

Ressaltamos que o personagem Lavo promove uma montagem do texto, embaralhando as peças do quebra-cabeça, uma hora há fragmentos de Ranulfo ou no momento entre os capítulos do seu relato uma carta, escrita em primeira pessoa, é intercalada entre os capítulos, destacada pela grafia em itálico, mantém uma conexão lógica com o teor dos capítulos entre os quais se antecede.

Podemos segundo uma leitura interpretativa, perceber que a obra é estruturada pelo narrador utilizando peças. Como a fragmentação da carta de Ranulfo, ou nos relatos dos

personagens ligados a ele. Assim como o narrador Lavo dá ênfase ao legado escrito do tio, promovendo-o ao lugar de narrador secundário da história.

Assim, o romance possui dois narradores: Lavo e Ranulfo, que percorrem todo o enredo. Construindo as entradas ao longo do romance, formando uma variação gradativa de diferentes vozes, desde os relatos de Ramira, passando por Naiá e Macau.

No texto, Lavo deixa acessível, a carta do tio endereçada ao protagonista, como intervenção relevante para a exposição dos fatos anteriores ao seu nascimento e do amigo. A longa carta de Ranulfo tem como destinatário o protagonista, já morto, no emprego abundante do pronome tu e ti:

“No oitavo mês de gravidez, tua mãe pediu a Jano que adiasse uma viagem à Vila Amazônia. [...] Tu nasceste prematuro na Beneficente Portuguesa, e eu te conheci no segundo dia de vida.” (HATOUM, 2005, p. 215); “Quando te vi com Alícia Naiá na praça, me aproximei e te chamei de Mundo e te carreguei no colo.” (HATOUM, 2005, p. 216).

Essas são apenas algumas passagens que ilustram o escrito de Ranulfo. No final do romance, o narrador revela a autoria da carta e o seu propósito.

Vi a rede estendida entre o tronco e a estaca do alpendre. Envergada e volumosa, parecia esconder um corpo, mas, ao abri-la, encontrei livros. Ranulfo estava só de calção, sentado diante de uma mesinha, batendo com a ponta de um lápis num calhamaço. Perguntei o que estava escrevendo.

“O relato sobre Mundo”, disse, triste mas orgulhoso. “Histórias... a minha, de Mundo e do meu amor, Alícia.” Tio Ran não quis dizer mais nada sobre o relato [...]. Deu uma pancadinha na mesa, e a voz ferina veio à tona: “Agora vai embora, preciso ficar sozinho. Quero terminar logo essas histórias. Depois te entrego a mixórdia toda... escrita a lápis”. [...] Antes de mais uma viagem ao rio Negro, ele me entregou o manuscrito, dizendo com ansiedade: “Publica logo o relato que escrevi. Publica com todas as letras... em homenagem à memória de Alícia e de Mundo”. Atendi ao pedido do meu tio, mas não com a urgência exigida por ele – esperei muito tempo. Como epílogo, acrescentei a carta que Mundo me escreveu, antes do fim. (HATOUM, 2005, p. 302-303).

Lavo confirmou que reproduziu os escritos de Ran, atendendo ao pedido de publicar o manuscrito do tio. No entanto, o maior segredo guardado por Alícia, sobre a paternidade do filho, só é revelado no final do romance, na carta escrita por Mundo ao amigo Lavo.

3 A linguagem do exílio em cinzas do norte

A subjetividade do exílio, de desenraizamento, de estar habitando, paradoxalmente, um não-lugar, é expressa pelo poeta no texto, lugar onde se encontram a alegoria e o exílio. Nancy afirma sobre “um movimento de saída do próprio [...], fora do ser próprio [...] fora do lugar próprio como lugar natal [...], lugar da presença do próprio em geral.” (1996, p. 36).

Esse sentimento de não pertencimento ao lugar natal, ou ao lugar da presença do que lhe é próprio, marca a condição de desenraizamento dos personagens dos romances em estudo, como o Mundo, o artista revolucionário, que não se ajusta aos ditames do pai severo, assim como constrói sua arte refletindo sua postura inconformada com a devastação de sua terra em nome do progresso promovido pelo regime militar.

Nossa reflexão crítica sobre as obras de Milton Hatoum aqui estudadas, colocando em relevo a problemática do sentimento de não pertencimento, um exílio subjetivo causado pelo afastamento, no tempo ou no espaço, de um lugar natal, sentido e rememorado como uma paisagem materna.

Quanto as personagens que presenciamos no romance, diante da ruína das casas familiares acabam por com significar suas versões e visões de mundo, com elementos com os quais os narradores lidam para o trabalho de construção da narrativa, cuja história está intimamente ligada às suas próprias vidas.

Esses romances, como produtos do desempenho do papel dos narradores, seriam, então, o lugar de onde eles podem falar, o lugar de falar de si e do outro, ou de reconhecer no outro, onde, o si mesmo e em si ou no outro compartilhar uma demanda interpretativa de ausências, presenças e simultaneidade.

A respeito desse exílio, a questão mais interior do sujeito que a experienta poderá ser apenas esboçada por meio da narrativa. Por meio da leitura e análise deste romance, é possível delinear uma poética da identidade que perpassa a narrativa no espaço plural e mesclado em que vivem os imigrantes e os nativos aculturados, tema recorrente na obra de Hatoum e ricamente explorado na literatura brasileira, por diversas perspectivas e com diferentes propósitos.

O protagonista Mundo viveu experiências marcantes na infância e na juventude em Manaus e a Vila Amazônia certamente permanece como uma cicatriz em seu íntimo. Quanto ao passado, há dois fatos irrefutáveis: um é que ele não pode ser mudado, outro é que ele sempre busca meios de retornar.

4 Considerações finais

O estudo, desenvolvido neste artigo, em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, teve como foco a leitura alegórica da casa familiar, no interior da qual os narradores revelam a problemática das relações rompidas, a busca identitária e o sentimento de não pertencimento, uma espécie de exílio subjetivo, vivenciado pela perda ou pelo abandono da casa da infância como o “lugar da presença do próprio, retomando Nancy (1996, p.37).

Para a construção da narrativa, ambos os narradores transitam pelos caminhos sinuosos engendrados pela memória, que promove o destecer, mais do que a tecedura, das histórias nas quais estão envolvidos, na busca por respostas que, por fim, são tidas mais como perdidas do que conquistadas.

Além de um levantamento sistemático do caminho percorrido pela pesquisa, como que fechando um círculo no qual supostas perguntas seriam ilusoriamente respondidas, importa mais ao estudo crítico do texto literário abrir novas possibilidades de leitura, abdicando da detenção de um saber irrefutável para, apenas, ocupar o lugar de um iluminador de uma faceta do universo descoberto nos textos literários pelo olhar da crítica; tarefa apenas aproximativa, porque tradutória de um universo polissêmico e de um objeto desviante, como o alegórico.

Dessa forma problematizando as questões mais profundas do ser. Esse caráter literário, pôde ser estudado pela perspectiva da leitura analítica, que enxerga no exílio de si mesmo, cujas chaves interpretativas são inerentes ao texto, sendo a obra, um amontoado de ruínas de uma história que poderia ter sido, ou em tantas leituras quantas se possa realizar.

Como outro modo de ver o mundo e de expressar por palavras e imagens, construídas pela linguagem, a ressignificar por meio da quebra de parâmetros interpretativos, a leitura criativa e a perspectiva crítica, porque coloca em crise imagens e discursos como em: casa familiar.

Tomada como o lugar natal e a paisagem nativa, e de repente no âmbito dessa casa desfeita, o sujeito que a ela retorna, por meio do olhar do adulto, ao rememorar a casa da infância, descobre-se a si mesmo como um outro, cuja imagem, no presente, não condiz com as projeções idealizadas no passado, atestando sua condição de desenraizamento em relação ao tempo e ao espaço deixados, assim como em relação ao seu presente.

Assim delinea-se o exílio subjetivo do narrador de *Cinzas do Norte*, que transita sob o signo da dúvida sobre a paternidade buscada no protagonista Mundo, cujo projeto de vingança contra a tirania do pai lança-o a um desprendimento em relação à vida familiar também são traçados os exílios de outros personagens, desnorteados em face de perdas irremediáveis.

Enquanto, para Lavo, a relação conturbada entre pai e filho é trazida ao texto como peça em chamas, das quais resultam apenas as cinzas das vidas que perderam seus referenciais, seu norte.

Referências

- ARENDDT, Hanna. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10 ed. 6ª reimpr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. [Título original: *The human condition*, The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, USA, 1958].
- CANTINHO, Maria João. *O anjo melancólico*; ensaio sobre o conceito de alegoria na obra de Walter Benjamin. Coimbra, Portugal: Angelus Novus, 2002.
- HATOUM, Milton. Reflexão sobre uma viagem sem fim. *Revista USP*. São Paulo, n. 13, p. 61-65, 1992.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NANCY, JEAN-LUC. *La existencia exiliada*. Traducido por Juan Gabriel López Guix. Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura. Barcelona, n. 26-27, 1996, p. 34-40.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos).
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VIEIRA, Noemi Campos Freitas. *Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum*. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) -Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Programa de Pós-Graduação em Letras, São José do Rio Preto, 2007.
- VIÑAR, Maren; VIÑAR, Marcelo. *Exílio e tortura*. Trad. de Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Ed. Escuta, 1992.

Priscila Viviane Carvalho

Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2014). Especialista em Estudos Culturais pela Universidade Estadual do Piauí. Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Piauí (2011).

Saulo Cunha de Serpa Brandão

Pós-Doutorado em Letra pela UFSC e University of Washington. Doutor em Letras (UFPE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPI).

*Recebido em 30 de julho de 2015.
Aceito em 30 de setembro de 2015.*